

# MUNDORAMA

MUNDORAMA.NET *TERRARUM TABULA* VOLUME 2 - JANEIRO - DEZEMBRO - 2008



## TEMAS DA NOSSA AGENDA

ARTIGOS,  
CONJUNTURA,  
EVENTOS,  
BIBLIOTECA

*CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO  
LABORATÓRIO DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

# **Volume 2 - No. 7 - Março - 2008**

# Table of Contents

<b>China: crescimento versus desenvolvimento no mundo globalizado, por José Ribeiro Machado Neto</b> .....	1
<b>A crise da América do Sul e a solução diplomática, por Amado Cervo</b> .....	2
<b>Curso “Segurança Internacional e Defesa: Perspectivas no quadro do complexo tecnológico industrial brasileiro” - NUPRI-USP</b> .....	3
<b>Estados Unidos: a instituição de um sistema prisional singular, por Virgílio Arraes</b> .....	4
<b>Lançamento do Número 1 do Volume 9 da Revista Cena Internacional - junho de 2007 - iREL-UnB</b> .....	5
<b>Revista Cena Internacional - Vol. 9 - No. 2 - 2007</b> .....	6
<b>A crise Armada Colômbia-Ecuador no contexto da Guerra contra o Terrorismo Internacional, por Tatiana Waisberg</b> .....	7
<b>As Novas Lideranças Latino-Americanas e a Integração Regional, por Haroldo Ramanzini Júnior</b> .....	8
<b>Kikuyus versus Luos: o conflito identitário que ameaça a estabilidade queniana, por Evandro Farid Zago</b> .....	9
<b>Negligência aos próprios valores: o conflito pós-eleitoral no Quênia e a inação da comunidade internacional no continente africano, por Diogo Mamoru Ide</b> .....	10
<b>A crise energética argentina: fonte de conflito ou oportunidade de cooperação?, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro</b> .....	11
<b>Para Buda pensar em Relações Internacionais, por Tiago Wolff Beckert</b> .....	12
<b>Ecuador e Venezuela, a regionalização da crise colombiana, por Xaman Korai Pinheiro Minillo</b> .....	13
<b>A renúncia de Fidel Castro: continuidade na sucessão presidencial, por Isabele Villwock Bachtold</b> .....	14
<b>As crises do dólar e do sistema financeiro internacional, por Marcella Pontes de Campos</b> .....	17
<b>A aproximação das Olimpíadas e a questão tibetana: um novo fôlego para a conquista de direitos e liberdades no teto do mundo, por Wilson Tadashi Muraki Junior</b> .....	18
<b>O Rebote Senderista, por Ricardo dos Santos Poletto</b> .....	19
<b>Boletim Meridiano 47 - No. 92 - Março/2008</b> .....	20
<b>Boletim Mundorama - No. 7 - Março/2009</b> .....	21

---

# China: crescimento versus desenvolvimento no mundo globalizado, por José Ribeiro Machado Neto

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

Crescimento e desenvolvimento são dois fenômenos que, apesar de distintos, não são exclusivos, mas seqüenciados. Quando alcançados provocam transformações estruturais também distintas. Ambos são processos que se materializam no longo prazo mediante a combinação de forças propulsoras advindas do Estado e dos agentes econômicos privados. As forças provenientes do Estado, além da institucionalização, regulação e planificação, podem ser ampliadas com a participação do poder público no capital de empresas e, em investimentos, cuja lucratividade não se mostra atraente para o setor privado. De maneira geral, a participação do Estado na economia ocorre através dessas maneiras, não devendo, entretanto, em hipótese alguma, o Estado substituir o mercado.

Através da planificação institucional, tem-se bem próxima a falência do sistema de preços, a relativa imobilidade dos agentes econômicos, a letargia dos setores produtivos - responsável pela rigidez da oferta global -, a queda continuada dos salários reais. Da mesma forma, a quase inexistência de externalidades advindas do comércio exterior, um crescente endividamento externo e, inclusive, uma prolongada dependência político-econômica, na maioria das vezes, incentivada pelo paradoxal dinamismo dos mercados externos.

O crescimento econômico é um processo pelo qual a renda nacional de uma economia aumenta durante um considerável período de tempo. Para que isso ocorra torna-se necessário, além de uma racional combinação de forças propulsoras do Estado e do setor privado, a ocorrência de sucessivas elevações do nível de investimento, do nível de emprego e de outros agregados responsáveis pelo dinamismo da oferta e demanda finais. O desenvolvimento econômico é, por sua vez, o fenômeno responsável pelas transformações econômicas, políticas e sociais, e, inclusive, aquelas que influenciam o relacionamento externo entre Estados. ([mais...](#))

# A crise da América do Sul e a solução diplomática, por Amado Cervo

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

A primeiro de março de 2008, um ataque do exército colombiano ao acampamento das Farc situado em território do Equador, perto da fronteira, fez 20 mortos, entre os quais o segundo homem da guerrilha, Raúl Reyes. Os ânimos se exaltaram e três países cortaram relações diplomáticas com Alvaro Uribe, presidente da Colômbia. O da Venezuela, Hugo Chávez, ademais, falou em guerra e posicionou tropas na fronteira com a Colômbia, ao passo que o equatoriano, Rafael Correa, embora exaltado, veio buscar o apoio de seu colega brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva.

Para o desfecho pacífico da crise contribuíram duas iniciativas: por um lado, a rápida movimentação do chanceler brasileiro, Celso Amorim, que dialogava com os envolvidos diretamente no conflito, Colômbia e Equador, e afastava com insistência a Venezuela, a voz das armas; por outro, o deslocamento também rápido do problema para o âmbito da OEA, cujo Conselho Permanente, na reunião de emergência do dia 5, baixou uma resolução conciliadora, admitindo a violação do território equatoriano, porém sem condenar a Colômbia, e nomeando uma comissão de investigação, cujo relatório será apresentado em 17 de março.

A crise foi contornada de vez, no dia 7, durante a Cúpula do Grupo do Rio programada anteriormente para Santo Domingo. Nela os presidentes de Colômbia, Equador e Venezuela, após exporem cada qual suas acusações, selaram a paz com resolutos aperto de mão e abraço, diante de Daniel Ortega que declarou incontinenti estar a Nicarágua reatando também suas relações diplomáticas com a Colômbia.

Essa descrição dos fatos requer explicações tanto para a gênese da crise de segurança na América do Sul como para seu desfecho diplomático. Nesse sentido, trazemos à consideração quatro linhas de reflexão.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que a Colômbia isolou-se na América do Sul. Para enfrentar sua grave situação de insegurança interna, que remonta a 1964, data de criação das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, o país de Alvaro Uribe não procurou apoio, solidariedade e força junto aos vizinhos. Ao contrário, buscou um aliado externo, os Estados Unidos, que lhe fornecem armas, equipamentos, especialistas e treinamento por meio do Plano Colômbia, um plano que envolve investimentos de grande porte. Tanto Fernando Henrique Cardoso quanto Lula viram essa aliança como algo espúrio, convictos de que a América do Sul reúne condições para resolver seus problemas de segurança sem intervenção externa. ([mais...](#))

# **Curso “Segurança Internacional e Defesa: Perspectivas no quadro do complexo tecnológico industrial brasileiro” - NUPRI-USP**

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

O Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo - NUPRI-USP informa que estão abertas as inscrições para o Curso *Segurança Internacional e Defesa: Perspectivas no quadro do complexo tecnológico industrial brasileiro*, que acontecerá aos sábados, de 12 de abril a 19 de julho, das 9h às 13h. O curso tem 56 horas de duração.

Informações adicionais podem ser obtidas [aqui](#).



# Estados Unidos: a instituição de um sistema prisional singular, por Virgílio Arraes

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

Há poucos dias, o General William Haynes, designado supervisor das comissões militares da base naval de Guantánamo, formulou o seu pedido de ingresso na reserva. Em 2002, ele havia defendido a aplicação de técnicas intensas de investigação, com interrogatórios ininterruptos de 24 horas ou com ausência de luz, posições cansativas, afogamentos e mesmo ameaças de morte para os aprisionados - a partir de agosto daquele ano, só haveria tortura para o governo dos Estados Unidos se ocorressem danos físicos severos ou permanentes.

A justificativa usual é invocar a guerra ao terror, sem territorialidade definida, de maneira que os detidos não se encaixam, na visão de Washington, nas definições previstas nas convenções de Genebra. Nem sequer a perspectiva de sofrer ação judicial no exterior por causa da violação aos direitos humanos desestimula alguns dos membros do alto escalão do Departamento de Defesa ou mesmo da Casa Branca - em 2006, Haynes, ao lado de Donald Rumsfeld, foi acusado na Alemanha por crime de guerra, mas o processo não prosseguiu por insuficiência de provas.

Contudo, Guantánamo, com o registro de quase 800 prisioneiros com passagem por lá, é a parte final de uma ação com início na Ásia. Ao investir contra o Afeganistão em 2001, os Estados Unidos não foram questionados por tratar-se de resposta ao ataque terrorista de 11 de setembro. Seria, portanto, uma guerra 'justa' executada contra o Talibã, à frente do governo e aliado da Al-Qaida, mentor do atentado. Ao invadir o território afegão, no entanto, Washington deparou-se com um país incapacitado de estabilizar-se administrativamente havia muito tempo, logo após a saída das tropas da União Soviética no final da década de 80. Provindo do sul, o Talibã, com o projeto de transformar o Afeganistão em um Estado teocrático, superou os seus adversários - identificados principalmente na Aliança do Norte - com o auxílio de milhares de estrangeiros, dentre os quais sauditas, como Osama Bin Laden. Durante a ocupação soviética, a Aliança do Norte havia recebido através de forças especiais estadunidenses auxílio monetário e bélico.

Se havia um pacto entre as duas organizações políticas afegãs, ele era específico: referia-se, por conseguinte, à disputa de poder internamente, sem relacionar-se, à primeira vista, com ações no plano internacional, até em vista da insuficiência de meios materiais para qualquer forma de enfrentamento, ainda que de curta duração. [\(mais...\)](#)

# Lançamento do Número 1 do Volume 9 da Revista Cena Internacional - junho de 2007 - iREL-UnB

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

O Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília anuncia o lançamento do Número 2 do Volume 9 (dezembro de 2007) da Revista Cena Internacional. Esta edição traz as seguintes contribuições:

- **RELAÇÕES BRASIL-BOLÍVIA (1973-1974): O GÁS E A GEOPOLÍTICA REGIONAL**, por *Carlos Eduardo Vidigal*
- **POLÍTICA DE COMÉRCIO EXTERIOR, IDEOLOGIA PARTIDÁRIA E INTERESSES LOCAIS: UM ESTUDO SOBRE O CASO CHILENO**, por *Pedro Feliú Ribeiro, Manoel Galdino Pereira Neto & Amâncio Jorge de Oliveira*
- **CRISES FINANCEIRAS NOS PAÍSES EMERGENTES (1994-2001): INDICADORES ECONÔMICOS E FATORES INTERNACIONAIS**, por *Elias de Luna Almeida Santos*
- **GENDER QUOTA LAWS IN LATIN AMERICA: INNOVATION, DIFFUSION, AND THE END OF A WAVE?**, por *Adriana Crocker*
- **O GÊNERO NA GUERRA: REFLETINDO SOBRE O CONFLITO ISRAEL-PALESTINA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MULHERES PALESTINAS DE BRASÍLIA**, por *Sônia Cristina Hamid*
- **AS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DA RELAÇÃO CHINA-AMÉRICA DO SUL NO SÉCULO XXI**, por *Javier Vadell*
- **A POLÍTICA IMIGRATÓRIA BRASILEIRA NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS REFUGIADOS: UMA LEITURA DA REVISTA DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO**, por *Maria do Rosário Rolfsen Salles*



# Revista Cena Internacional - Vol. 9 - No. 2 - 2007

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

- RELAÇÕES BRASIL-BOLÍVIA (1973-1974): O GÁS E A GEOPOLÍTICA REGIONAL, por *Carlos Eduardo Vidigal*
- POLÍTICA DE COMÉRCIO EXTERIOR, IDEOLOGIA PARTIDÁRIA E INTERESSES LOCAIS: UM ESTUDO SOBRE O CASO CHILENO, por *Pedro Feliú Ribeiro, Manoel Galdino Pereira Neto & Amâncio Jorge de Oliveira*
- CRISES FINANCEIRAS NOS PAÍSES EMERGENTES (1994-2001): INDICADORES ECONÔMICOS E FATORES INTERNACIONAIS, por *Elias de Luna Almeida Santos*
- GENDER QUOTA LAWS IN LATIN AMERICA: INNOVATION , DIFUSION, AND THE END OF A WAVE?, por *Adriana Crocker*
- O GÊNERO NA GUERRA: REFLETINDO SOBRE O CONFLITO ISRAEL-PALESTINA A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MULHERES PALESTINAS DE BRASÍLIA, por *Sônia Cristina Hamid*
- AS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS DA RELAÇÃO CHINA-AMÉRICA DO SUL NO SÉCULO XXI, por *Javier Vadell*
- A POLÍTICA IMIGRATÓRIA BRASILEIRA NO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS REFUGIADOS: UMA LEITURA DA REVISTA DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, por *Maria do Rosário Rolfsen Salles*

Acesse a edição completa - [Revista Cena Internacional - Vol. 9 - No. 2 - 2007](#)

# **A crise Armada Colômbia-Ecuador no contexto da Guerra contra o Terrorismo Internacional, por Tatiana Waisberg**

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

O conflito entre o governo da Colômbia e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, as FARC é sem dúvida o maior barril de pólvora da América Latina. Trata-se de conflito interno armado com amplas repercussões internacionais, envolvendo atores estatais e não-estatais diversos. A natureza do conflito é eminentemente ideológica tanto do ponto de vista interno quanto internacional. No âmbito internacional, o envolvimento das FARC com diversos Estados, dentre eles Venezuela e Cuba, coloca o conflito colombiano em situação ímpar na relação Estados Unidos e América do Sul no contexto da guerra contra o terrorismo internacional iniciada à partir de 11 de setembro de 2001.

No dia primeiro de março de 2008, o conflito entre a Colômbia e seus vizinhos atingiu novo nível de violência quando o exército da Colômbia bombardeou um acampamento das FARC situado em território equatoriano, matando o número dois da guerrilha, Raul Reyes, juntamente com outros vinte guerrilheiros. O uso da força da Colômbia contra o Ecuador não diz respeito a nenhum conflito existente entre esses dois Estados, mas ao conflito entre um Estado, a Colômbia, e um ator não-estatal, as FARC. Tal situação é, sem dúvida alguma, semelhante à situação enfrentada por Israel, pelos Estados Unidos e pela Turquia na guerra contra o terrorismo internacional. E a Colômbia, ao que tudo indica, passa a adotar o mesmo ponto de vista desses países no que se refere ao uso da força no direito internacional.

A prática denominada "target killing", significa o extermínio de lideranças de guerrilhas e organizações terroristas em guerras assimétricas entre Estados e forças armadas irregulares, ainda que tais operações sejam levadas a cabo em território de Estados soberanos, onde tais entidades encontram abrigo. Tal prática, entretanto, é atualmente adotada por número restrito de Estados e constitui fonte de grandes divergências entre a Corte Internacional de Justiça, a CIJ, e o Conselho de Segurança da ONU. [\(mais...\)](#)

# As Novas Lideranças Latino-Americanas e a Integração Regional, por Haroldo Ramanzini Júnior

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

*As estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda  
oportunidade sobre a terra.  
- Gabriel García Márquez - Cem anos de solidão*

Nos primeiros anos do século XXI, com a ascensão de Lula da Silva, Evo Morales, Rafael Correa, Nestor e Cristina Kirchner, Tabaré Vázquez, Michelle Bachelet, ao governo de seus países, sem esquecer da emergência de Hugo Chávez, nos últimos anos do século XX, eram grandes as esperanças que houvesse maior impulso aos processos de integração regional. Apesar de existirem consideráveis diferenças e singularidades, entre as novas lideranças latino-americanas, fato que complica qualquer tentativa de generalização, podemos talvez dizer que todos esses chefes de Estado representam, ainda que com variações, grupos e forças sociais emergentes, que antes tinham pouco acesso ao poder. Mas, como indica Tullo Vigevani (Vigevani, Tullo. Os novos paradoxos latino-americanos. Política Externa, vol, 14, São Paulo, 2006.), se o acesso ao Estado por parte dessas populações se tornará realidade e se consolidará em formas democráticas estáveis, com instituições fortes, é outra questão, que apenas o futuro poderá responder.

De forma geral, o que atualmente parece caracterizar as principais forças políticas que estão no poder na maior parte dos países da região é o discurso de resistência aos movimentos globalizantes e às receitas ortodoxas de desenvolvimento. Mas, ao mesmo tempo, observa-se que esses grupos não apresentam projeto de desenvolvimento alternativo. Hoje, talvez seja esse o principal desafio dos governos da região. Nesse sentido, o revigoramento da integração regional em suas amplas facetas - societal, comercial e institucional - pode ser um fundamento importante na busca de superação desse desafio.

Apesar das especificidades de cada país, como argumenta Rafael Villa (Villa, Rafael D. Dossiê Política Internacional: Temas Emergentes. Revista de Sociologia e Política, vol. 27, Curitiba, 2006), no conjunto, os recentes movimentos políticos latino-americanos sinalizam um crescente mal-estar das sociedades com suas elites políticas tradicionais. Haveria, assim, uma certa redução da capacidade de as elites tradicionais continuarem reproduzindo sua legitimidade, na esfera pública. Na América Latina, a partir dos anos noventa, as dificuldades dos governos, ditos de direita, ou neoliberais, em equacionar questões fundamentais, como desenvolvimento e justiça social, acabaram por favorecer tendências e movimentos que se apresentam retórica ou concretamente como críticos do neoliberalismo e da ortodoxia econômica.

[\(mais...\)](#)

# Kikuyus versus Luos: o conflito identitário que ameaça a estabilidade queniana, por Evandro Farid Zago

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

O anúncio do resultado das eleições presidenciais do Quênia, em dezembro de 2007, levou a acontecimentos que, meses atrás, seriam inimagináveis no país, um dos mais estáveis do leste africano. A crise decorrente de atritos entre os dois principais partidos políticos quenianos é, na verdade, resultado de longevos conflitos étnicos. O que se observou foi a culminação de décadas de disputas entre grupos locais e o extravasamento, na política, de uma guerra de identidades que perpassa toda a história nacional. Tem-se a atual situação como fruto de uma série de medidas apaziguadoras, mas sem resultados no longo-prazo, postas em prática por todos os presidentes quenianos desde sua independência, em 1963.

A presente análise de conjuntura, dessa forma, possui o objetivo de estabelecer ligação entre a construção de identidades coletivas colidentes e o quadro de conflito vivido no Quênia. Para tal, de início, a genealogia dos atuais embates será exposta. Em seguida, embasamento teórico para a compreensão das disputas internas será buscado na teoria idealista do construtivismo de Alexander Wendt. Passa-se, então, a considerações sobre o caráter identitário da problemática queniana. Por fim, faz-se uma análise acerca da repercussão regional da crise e da real efetividade das medidas levadas a cabo para solucioná-la.

Desde 2002, o Quênia vinha sendo governado por Mwai Kibaki, líder de um dos dois grupos políticos hegemônicos do país, o Partido de Unidade Nacional (Party of National Unity - PNU). Kibaki chegara ao posto presidencial com promessas de renovação constitucional, reforma policial e combate à corrupção, à desigualdade social e ao desemprego. Os compromissos firmados, contudo, não tiveram, durante os cinco anos de mandato do PNU, cumprimento amplo e os níveis de impunidade e corrupção elevaram-se. [\(mais...\)](#)

# **Negligência aos próprios valores: o conflito pós-eleitoral no Quênia e a inação da comunidade internacional no continente africano, por Diogo Mamoru Ide**

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

Segundo Robert Dahl, eleições, uma das seis instituições de todo regime democrático, devem ser livres, justas e freqüentes. Livres porque cidadãos devem ter o direito de votar sem qualquer tipo de repressão externa; justas porque todos os votos devem ter o mesmo valor na apuração das urnas e freqüentes na medida em que deve haver certa rotatividade entre os governantes públicos eleitos.

Quando uma das três características não é respeitada, a legitimidade do processo democrático interno é posta em questão e a falta de legitimidade, por sua vez, pode minar a autoridade política necessária para se governar um país. Quando instituições democráticas são deturpadas, não seguindo certos princípios e procedimentos capazes de legitimação do regime democrático, a quem cabe recorrer? Organizações não-governamentais (ONGs) e “think tanks” com ramificações internacionais têm crescido sua participação como canal de expressão e conscientização sobre avanços e retrocessos em diferentes processos democráticos ao redor mundo. Não obstante, suas possibilidades de ação ainda se vêem muito limitadas. Em última instância, tais possibilidades de ação são conduzidas principalmente pelos Estados que formam a comunidade internacional.

A sociedade internacional é anárquica. Não há um governo global e nenhum Estado, ao menos no plano normativo, possui primazia legal ou moral sobre os demais. Não há qualquer tipo de autoridade superior a quem os Estados possam se dirigir. Organizações internacionais como as Nações Unidas tampouco se situam num plano superior aos Estados na medida em que foram construídas e são mantidas econômica e politicamente pelos mesmos. Como fica bastante claro ao se analisar as ações tomadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, é essa organização que muitas vezes se encontra atada aos interesses dos países mais poderosos, reverenciando-os. ([mais...](#))

# A crise energética argentina: fonte de conflito ou oportunidade de cooperação?, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

A agenda energética sulamericana novamente ganhou destaque em fevereiro. Após o tumultuado processo de nacionalização das reservas bolivianas de gás natural, o tema energético voltou a afirmar o seu lugar de destaque nas relações entre os países da região. Desta vez, a Bolívia não é o único protagonista; junta-se a ela a Argentina, cuja crise energética resulta, por consequência, no envolvimento do Brasil, do Chile e da Venezuela. Claramente, portanto, a questão assume feições regionais. Será ela interpretada como uma fonte de conflito ou uma oportunidade de cooperação nos níveis regional e bilateral?

O problema energético na Argentina, ponto de partida para a atualização da agenda energética regional, não é propriamente uma novidade. Os investimentos do país no setor não têm acompanhado a retomada do crescimento da economia portenha. Já no inverno de 2007, a Argentina enfrentou uma grave crise energética; durante mais de dois meses, as indústrias argentinas precisaram limitar o seu consumo e o país se viu forçado a interromper o fornecimento de gás natural ao Chile. Mais recentemente, em dezembro de 2007, autoridades do país vizinho anunciaram um novo plano de racionamento energético, desta vez para evitar crises de fornecimento durante o verão. Em ambas as situações, o governo argentino abdicou do recurso ao aumento das tarifas energéticas em nome da prioridade dada à contenção da inflação. Os resultados dessa escolha foram duplamente negativos para o setor energético: de um lado, impediu que o aumento das tarifas fosse usado para forçar uma redução no consumo; de outro, comprometeu a capacidade de investimento das empresas do setor no aumento da geração de energia. [\(mais...\)](#)

# Para Buda pensar em Relações Internacionais, por Tiago Wolff Beckert

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

Setembro de 2007, Myanmar. Uma série de manifestações convocadas pela Aliança de Todos os Monges da Birmânia levou 300 mil pessoas às ruas do país para protestar contra a junta militar que está no governo há 40 anos. Esses foram os maiores agrupamentos de manifestantes nos oito anos de recorrentes protestos. Apesar do fato de que as passeatas iniciaram-se com o objetivo de exigir que o governo se desculpasse pela agressão realizada contra vários monges, elas tornaram-se um clamor pela liberdade política do país. Em 1991, Aung San Suu Kyi, líder de oposição ao governo de Myanmar, recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Desde 2003, no entanto, ela vive em prisão domiciliar no seu próprio país. Sua aparição pública, na porta da casa em que habita, reuniu e emocionou muitos manifestantes, dando ímpeto extra aos protestos. Nenhuma manifestação anterior realizada no país esteve tão presente no debate internacional.

Março de 2008, Tibete. O décimo dia desse mês marca o início de uma seqüência de manifestações com repercussão internacional. Nesse dia, monges budistas saem às ruas para lembrar os 49 anos de rebelião que levou Tenzin Gyatso, o 14º Dalai Lama, ao exílio na Índia, país em que vive até os dias atuais. Apesar do tópico em aberto sobre a intenção de realmente lembrar o movimento de 1959 ou de aproveitar o contexto atual favorável, qual seja a proximidade dos Jogos Olímpicos de Beijing e a atenção da comunidade internacional voltada para a China, o fato é que o debate internacional acerca do caso tibetano tornou-se mais difundido e politizado. Seu líder espiritual, o 14º Dalai Lama, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1989, portanto dois anos antes da líder de Myanmar. [\(mais...\)](#)



# Equador e Venezuela, a regionalização da crise colombiana, por Xaman Korai Pinheiro Minillo

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

Em 1 de março de 2008 o governo colombiano anunciou a morte de Raúl Reyes (Luis Edgar Devia Silva), um dos comandantes mais importantes das FARC, ocorrida em ação especial do exército colombiano que se desenvolveu em território do Equador. O presidente equatoriano Rafael Correa declarou à imprensa que a incursão colombiana representou uma “flagrante violação do Direito internacional humanitário” e no dia seguinte - após o posicionamento de batalhões venezuelanos nas fronteiras com a Colômbia e a declaração de Hugo Chávez de que qualquer ação similar em território venezuelano poderia levar à guerra - expulsou o embaixador colombiano de Quito e também enviou tropas para a fronteira colombiana. Assim, apesar do sucesso com a captura de Reyes na operação, a atuação colombiana gerou grandes repercussões: além da crise diplomática instaurada, a previsão da liberação de arquivos e documentos encontrados em computador apreendido na operação que podem sugerir vínculos entre as FARC e o governo de Rafael Correa e de Chávez foi fator desestabilizador da região.

A partir de 3 de março, diversos líderes da região pronunciaram-se sobre os acontecimentos: Michelle Bachelet cobrou satisfações dos governos equatoriano e colombiano, Fidel Castro afiançou a atuação dos EUA como fonte dos conflitos da região e, no dia 6, o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, rompeu relações diplomáticas com a Colômbia em solidariedade ao Equador. ([mais...](#))

# A renúncia de Fidel Castro: continuidade na sucessão presidencial, por Isabele Villwock Bachtold

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

*No me despido de ustedes. Deseo solo combatir como un soldado de las ideas. (...). Tal vez mi voz se escuche. Seré cuidadoso.  
(Fidel Castro em seu discurso de renúncia)*

A renúncia de Fidel Castro à Presidência de Cuba, em 18 de fevereiro de 2008, renovou as esperanças de quem desejava uma abertura política no país que há quase meio século vive sob uma ditadura comunista. Entretanto, mais de um mês após o anúncio de sua retirada do poder, poucas são as expectativas com relação às mudanças nos rumos políticos do país. O atual presidente terá que lidar com um contexto econômico cubano em mudança, mas ao mesmo tempo mantendo as diretrizes socialistas e o legado de Fidel nas decisões políticas.

Como esperado, a Assembléia Nacional elegeu, em 24 de fevereiro de 2008, o irmão de Fidel e ex-vice-presidente, Raúl Castro para a Presidência Cubana. Raúl, que já havia exercido a função em 2006, quando Fidel saiu temporariamente do poder por motivos de saúde, afirmou em seu discurso de posse que algumas modificações “estruturais e conceituais” eram necessárias para que as condições de vida da população melhorassem, aumentando as expectativas com relação a uma reforma econômica. Desde 1986, com a interrupção da planificação da economia nos moldes soviéticos, o setor econômico é dirigido por Fidel com base em pressupostos pessoais e ideológicos. O resultado, apesar dos avanços na saúde e educação, é que Cuba atualmente passa por uma séria crise econômica: com uma população de 11,3 milhões de habitantes, o país possui um PIB de 45 milhões de dólares e a média salarial mensal não passa de 17 dólares. Soma-se a isso a obsoleta infra-estrutura nas principais cidades, a má qualidade dos transportes e a ineficiente administração pública.

O sucessor de Fidel lidera a corrente que acredita que tal direção da economia é irracional e prometeu acabar com as “proibições absurdas” do governo de Fidel, referindo-se às medidas repressivas impostas durante o regime comunista. Nas últimas semanas foram anunciadas medidas visando à descentralização da agricultura e ao aumento da produtividade no campo. A liberalização dos acessos aos hotéis, antes permitidos somente aos turistas, e a permissão da venda de computadores, aparelhos de DVDs e outros eletrodomésticos são indícios de uma provável abertura econômica. Tais mudanças, entretanto, estão ainda longe de representarem um maior acesso à informação ou melhoras significantes na qualidade de vida dos cubanos, visto que os preços dos equipamentos e as diárias dos hotéis são determinados pela moeda forte do país, o peso convertible cubano (CUC), enquanto a população continua a receber em pesos cubanos (COPO), moeda atualmente muito desvalorizada. Assim, uma eficiente reforma econômica deveria se dar, entre outras mudanças, por meio de uma reforma monetária e da unificação das duas moedas utilizadas no país.

Não obstante, seria fundamental a abertura do comércio exterior e a retomada das relações com os países da Europa e do continente norte-americano para o eficiente crescimento do setor econômico, visto que o aumento do fluxo de capital estrangeiro e a supressão dos embargos econômicos são imprescindíveis para a necessária dinamização da economia cubana. Ainda que Cuba possua atualmente como principais parceiros econômicos a China e a Venezuela – esta última suprindo a demanda de petróleo do país em troca da oferta de serviços -, os benefícios advindos de tais trocas comerciais ainda parecem insuficientes para suprir as necessidades econômicas da população.

No entanto, o que se percebe é que a retomada das negociações com as principais potências econômicas ocidentais está ainda longe de ocorrer. Na ocasião da renúncia de Fidel, os Estados Unidos e grande parte dos países europeus afirmaram que estariam dispostos a negociar com o governo cubano caso este

tomasse as medidas necessárias para sua transição. Até o presente momento, entretanto, não há sinais de grandes modificações nas diretrizes políticas no país. O governo de Raúl, segundo declarações oficiais, continuará a consultar o ex-presidente na tomada de decisões. Além disso, Fidel Castro permanece à frente do Partido Comunista Cubano (PCC) que, de acordo com a Constituição de Cuba, possui mais poderes que o próprio presidente. Soma-se ainda o fato de que na ilha existe somente um partido e que quase toda a oposição foi reprimida pelo governo ditatorial, encontrando-se a maioria atualmente no exílio.

O aparelho burocrático do governo também sofreu poucas mudanças. A estrutura de poder do país permanece praticamente intacta, o que, somado aos outros fatores já explicados, representa um obstáculo à qualquer modificação que vise à abertura democrática do governo. Como exemplo, vale citar a eleição do atual vice-presidente, José Ramon Machado Ventura, um dos maiores representantes da “velha guarda” cubana, e a não renovação do quadro de Ministros. Desta forma, a probabilidade de qualquer mudança política é limitada pela permanência dos principais membros e fundadores do PCC nos cargos burocráticos. O que se pode perceber no atual contexto cubano é que as mudanças implementadas por Raúl Castro, mais que um passo em direção à abertura econômica – visto que para que esta ocorra plenamente há ainda a necessidade de modificação de outros fatores – representam a tentativa de reconstruir a legitimidade histórica do socialismo. Raúl Castro não foi eleito democraticamente e tampouco exerce a mesma influência ideológica e política que o ex-presidente desempenhava. Sem a figura de Fidel no poder, grande parte da ilusão sustentada por discursos e propagandas políticas vem abaixo. Em meio à crise econômica, baixos salários, altos preços e problemas relativos ao transporte e moradia, a população começa a reagir contra o mito do socialismo cubano e a demandar mudanças, ainda que a queda do regime esteja longe de ser exigida, uma vez que a maioria da população nasceu em uma Cuba socialista e não conhece outro presidente que não seja Fidel. Teme-se, entretanto, que a renúncia de Fidel abra brechas para o questionamento dos rumos que o governo comunista tem tomado até o presente momento e que os cidadãos cubanos passem a demandar alternativas para a atual administração. Assim, para que a manutenção do controle político e da governabilidade do país se mantenha estável, é necessária a melhora da qualidade de vida dos cidadãos e a satisfação dos seus interesses, ainda que tais melhoras ocorram em índices ínfimos.

Apesar de o socialismo correr o risco de perder parte de sua legitimidade no âmbito interno, não é possível afirmar que o mesmo ocorrerá com relação à influência de Cuba nas diretrizes políticas dos países latino-americanos. Aparentemente, a saída de Fidel pouco ou nada afetará as relações do país com seus vizinhos na América Latina. Apesar de Fidel ter inspirado muitos dos atuais líderes esquerdistas da região, a maioria dos governantes tomou rumos mais pragmáticos, distanciando-se do modelo revolucionário cubano. Busca-se diminuir os problemas advindo da desigualdade social e da pobreza não por meio do socialismo dogmático, mas de políticas econômicas e sociais que não confrontam com as diretrizes dos países desenvolvidos. Ademais, a maior parte dos governantes demonstrou apoio à eleição de Raúl Castro e confirmaram a continuação das relações diplomáticas com o país.

A sucessão de Fidel pelo seu irmão Raúl representa, portanto, mais uma sucessão presidencial do que a transição de governo. Neste ponto, cabe definir os dois conceitos: enquanto ao termo “transição” é conferido o sentido de mudança de regime político, por “sucessão” tem-se a idéia de permanência das mesmas elites no poder, sem a alternância das mesmas. No caso de Cuba, é evidente que uma transição política ainda está longe de ocorrer, ainda que esta possa ser possível a longo prazo. Para tanto, seria fundamental o apoio e as pressões da comunidade internacional que objetivassem a abertura democrática da ilha, bem como a proteção aos direitos humanos, a libertação de presos políticos, o maior acesso à informação e a liberdade de expressão. Um outro elemento fundamental na decisão do futuro do país são as eleições presidenciais norte-americanas e a abordagem que o novo presidente dará às relações com Cuba. Por enquanto, todavia, o que se pode afirmar é que a sociedade cubana continuará por um bom tempo sob a sombra e do ex-ditador. Embora a renúncia de Fidel represente a eliminação de um dos principais entraves à abertura democrática da ilha, a eleição de seu irmão ao cargo de Presidente frustrou as expectativas de significativas mudanças em um curto período de tempo.

*Internacionais - LARI (isabachtold@hotmail.com).*

# As crises do dólar e do sistema financeiro internacional, por Marcella Pontes de Campos

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

Pode não ser oficial, mas é cada vez mais óbvio: a economia americana entrou em recessão. O bem-estar de um americano médio está sendo afetado por pelo menos quatro razões: crise no mercado imobiliário, corte no sistema de crédito, aumento dos custos de alimentos e combustíveis, e, mais recentemente, enfraquecimento do mercado de trabalho - os últimos dados mostram aumento da taxa de desemprego aumentou para 5,1% e perda de 98.000 empregos no setor privado somente em março, o quarto mês em declínio.

O FMI supõe que existe a chance de a economia mundial crescer menos de 3% em 2008 e 2009. A origem da crise está na maior bolha de ativos da história. Há quem diga que o mercado financeiro está sofrendo a maior crise dos últimos 80 anos, mas, como em 1929, os Estados Unidos não são a única economia desenvolvida afetada por isso.

Para se entender a dimensão da crise, vale a pena olhar para as funções e para a história do sistema financeiro. Este sistema existe para melhor alocar recursos disponíveis na economia. É por meio dele que se pode combinar trabalho com capital de forma mais eficiente, é por meio dele que as pessoas e firmas trocam, compartilham e arriscam. O melhor sistema é, portanto, aquele que disponibiliza ativos para os que dele precisam para promover crescimento. Naturalmente, um sistema financeiro sofisticado é suscetível a instabilidades, mas um sistema que constranja a alocação de recursos condena a economia a um crescimento pífio. ([mais...](#))

# **A aproximação das Olimpíadas e a questão tibetana: um novo fôlego para a conquista de direitos e liberdades no teto do mundo, por Wilson Tadashi Muraki Junior**

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

Em março de 1959 um levante de tibetanos contrários ao domínio comunista chinês sobre a sua terra marca o início de um novo tempo para o Tibete: as constantes disputas com Beijing no que se refere a garantia de liberdades, tolerância com relação à cultura, à religião, à língua e à própria manutenção de um estilo de vida desse povo não são mais guiadas por um líder essencialmente tibetano. É exatamente após tal levante que o Dalai Lama e seus seguidores fogem para Dharamsala, Índia, onde instalam a sede do governo tibetano no exílio. Quarenta e nove anos depois, em março de 2008, conflitos violentos eclodem em Lhasa, capital da Região Autônoma do Tibete (sob jurisdição chinesa) poucos meses antes do início dos jogos olímpicos de Beijing, momento em que a atenção do mundo ficará fortemente direcionada para a China. Parece ser considerável a idéia de que esta é a oportunidade que as lideranças tibetanas esperavam para dar um último suspiro na luta em busca de autonomia para o Tibete; justamente antes do momento em que toda a região seja fatalmente engolida pela voracidade de uma potência em ascensão, uma cultura seja extinta e, suas memórias e tradições, eternamente esquecidas.

A Região Autônoma do Tibete dá à China uma posição geopolítica beneficiada sobre a Ásia central, uma vez que sem ele o país não faria fronteira com Butão, Nepal ou Índia. No platô tibetano nasce grande parte dos grandes rios que fertilizam as planícies chinesas. Além disso, há muitos recursos minerais e florestais disponíveis na região. ([mais...](#))

# O Rebote Senderista, por Ricardo dos Santos Poletto

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

O cenário sul-americano apresenta-se de maneira bastante elusiva neste primeiro semestre de 2008. Bolívia, Equador e Venezuela ensaiam monopolizar o noticiário, na medida em que se sucedem na captura das atenções à reboque do intemperismo crônico de seus regimes políticos. Com efeito, configuram-se fatos que dizem respeito sobretudo à questão democrática no subcontinente e que, portanto, merecem mais alta conta nos debates de política internacional. No entanto, enquanto os holofotes apontam para espasmos contínuos, fecham-se os olhos para um contexto particularmente importante no certame das nações sul-americanas. O Peru, a despeito de notas singulares, tem passado incólume pelas lentes dos analistas. A despeito da discricção midiática, os desafios peruanos estão longe de serem negligenciáveis. Subjaz, logo, o reconhecimento de que os fatos que se acumulam nos últimos sete anos no Peru desenham-se em um processo contínuo e consistente, desvelador de tendências e conseqüências de médio e longo prazo.

Presente e passado se misturam no Peru quando é evocado o nome do Sendero Luminoso, o mais ativo grupo revolucionário da América Latina do final do século XX. Por mais de uma década, o ímpeto dissidente e as chamadas da convulsão social impuseram pesadas dúvidas sobre a capacidade de sustentação do Estado peruano. A campanha de contra-insurgência lançada pelo governo Fujimori contabilizou cerca de 70.000 mortos, entre civis, insurgentes e membros das forças de segurança. A captura de Abimael Guzmán, líder e mentor do movimento de orientação maoísta, em 1992, conferiu ares de triunfo às autoridades do governo. A memória dos anos de terror - resultado espelhado dos ataques rebeldes e da repressão governamental - conduziu a República do Peru a anos de catarse. De fato, o movimento senderista enfraqueceu e definhou rapidamente, confinado a regiões florestais isoladas. Não obstante, o nome do Sendero Luminoso permaneceu em cena. A despeito de seu virtual desaparecimento, atentados de algum impacto têm marcado a conjuntura peruana atual, quando se observa uma preocupante escalada das atividades insurgentes. [\(mais...\)](#)



# Boletim Meridiano 47 - No. 92 - Março/2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

A crise da América do Sul e a solução diplomática, por Amado Luiz Cervo

China: crescimento *versus* desenvolvimento no mundo globalizado, por José Ribeiro Machado Neto

Estados Unidos: a instituição de um sistema prisional singular, por Virgílio Arraes

A independência do Kosovo: uma peça no complicado jogo da Rússia, Estados Unidos e União Europeia, por Adalgisa Bozi Soares

Negligência aos próprios valores: o conflito pós-eleitoral no Quênia e a inação da comunidade internacional no continente africano, por Diogo Mamoru Ide

Kikuyus *versus* Luos: o conflito identitário que ameaça a estabilidade queniana, por Evandro Farid Zaigo

As novas lideranças Latino-Americanas e a integração regional, por Aroldo Ramanzini Júnior

A renúncia de Fidel Castro: continuidade na sucessão presidencial, por Isabele Villwock Bachtold

As crises do dólar e do sistema financeiro internacional, por Marcella Pontes de Campos

A crise energética argentina: fonte de conflito ou oportunidade de cooperação?, por Marcos Paulo Araújo Ribeiro

Para Buda pensar em Relações Internacionais, por Tiago Wolff Beckert

A aproximação das Olimpíadas e a questão tibetana: um novo fôlego para a conquista de direitos e liberdades no teto do mundo, por Wilson Tadashi Muraki Junior

Equador e Venezuela, a regionalização da crise colombiana, por Xaman orai Pinheiro Minillo

Orebote Senderista, por Ricardo dos Santos Poletto

A crise Armada Colômbia-Ecuador no contexto da Guerra contra o Terrorismo Internacional, por Tatiana Waisberg

Acesse a edição completa em formato html - [clique aqui](#)

Acesse a edição completa em formato pdf - [clique aqui](#)

# Boletim Mundorama - No. 7 - Março/2009

By Mundorama | Volume 2 - No. 7 - Março - 2008

## Artigos

- A crise da América do Sul e a solução diplomática, por Amado Luiz Cervo
- China: crescimento *versus* desenvolvimento no mundo globalizado, por José Ribeiro Machado Neto
- Estados Unidos: a instituição de um sistema prisional singular, por Virgílio Arraes
- A independência do Kosovo: uma peça no complicado jogo da Rússia, Estados Unidos e União Européia, por Adalgisa Bozi Soares
- Negligência aos próprios valores: o conflito pós-eleitoral no Quênia e a inação da comunidade internacional no continente africano, por Diogo Mamoru Ide
- Kikuyus *versus* Luos: o conflito identitário que ameaça a estabilidade queniana, por Evandro Farid Zaigo
- As novas lideranças Latino-Americanas e a integração regional, por Aroldo Ramanzini Júnior
- A renúncia de Fidel Castro: continuidade na sucessão presidencial, por Isabele Villwock Bachtold
- As crises do dólar e do sistema financeiro internacional, por Marcella Pontes de Campos
- A crise energética argentina: fonte de conflito ou oportunidade de cooperação?, por Marcos Paulo Araújo Ribeiro
- Para Buda pensar em Relações Internacionais, por Tiago Wolff Beckert
- A aproximação das Olimpíadas e a questão tibetana: um novo fôlego para a conquista de direitos e liberdades no teto do mundo, por Wilson Tadashi Muraki Junior
- Equador e Venezuela, a regionalização da crise colombiana, por Xaman Orai Pinheiro Minillo
- Orebote Senderista, por Ricardo dos Santos Poletto
- A crise Aramada Colômbia-Ecuador no contexto da Guerra contra o Terrorismo Internacional, por Tatiana Waisberg